

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E EMPRESARIAIS**  
**INTRODUÇÃO À ECONOMIA I**

2003/11/03

1º TESTE

Duração: 2 horas

**HÁ ALMOÇOS GRÁTIS?**

A estrada poeirenta parecia não ter fim. Eu regressava de um caso complicado, que me tinha oferecido um buraco no braço. A viagem de volta à cidade estava a ser difícil, até porque cada solavanco me fazia dores enormes. E nesta estrada, os solavancos estavam uns dentro dos outros. Ao menos, as minhas dores eram muito menores que as do tipo que me fez o buraco. A não ser que debaixo a terra um buraco na cabeça não doa ...

**I (4 val)**

Ao fim de guiar muito tempo, vi uma bomba de gasolina, perdida no meio do deserto. Parei o carro fora e entrei na casa. Estava vazia. Não se via ninguém. Era tudo muito pobre e sujo.

a) *Pensei no significado do conceito de escassez*

Apesar de ter as janelas fechadas, a poeira entrava por todos os lados para dentro da sala. De facto ali o pó não era nada escasso.

b) *Porque razão neste exemplo não se deve aplicar o conceito de “escassez de recursos” ao pó? Como se classifica economicamente o pó?*

Vi que na parede por detrás do balcão um cartaz anunciava refeições baratas. Ao fim de alguns minutos apareceu uma mulherzinha. Pedi-lhe que me desse comida e enchesse o depósito do meu carro que estava lá fora.

**II (6 val)**

Enquanto ela fazia a minha refeição, perguntei à mulher que tal andava o negócio. A mulherzinha, a medo, disse hoje era dia calmo. Mas durante a semana anterior ela não chegara para tudo. Não podia servir comida e encher os depósitos de gasolina ao mesmo tempo. Cada refeição demorava sempre o mesmo tempo que servir três automóveis. Ela, se não fizesse mais nada, por hora só conseguiria servir, no máximo, 10 refeições.

a) *Representei graficamente, na Curva de Possibilidade de Produção, a situação de produção horária da mulherzinha. Que tipo de curva é e porquê?*

Ela disse que se o marido ajudasse conseguiria servir um máximo de 15 refeições por hora (e mantinha-se a relação com os automóveis). Isso via-se pois na quinta-feira da semana passada, com a ajuda dele, tinha servido em média 7 refeições por hora e na sexta, sózinha, só servira 5.

b) *Representei graficamente também a Curva de Possibilidade de Produção no caso de ajuda do marido e marquei o ponto de produção da quinta-feira e da sexta-feira. Quantos carros foram servidos em média em cada um dos dois dias?*

Mas agora, depois de ter acabado a feira de gado na cidade próxima, quase não havia clientes. Hoje eu era o segundo. Reparei que ela olhava nervosamente por cima do ombro.

**III (5 val)**

A mulher saiu para encher o depósito do meu carro. Quando voltou, perguntou-me se eu não me importava de comer rápido, porque ela estava cheia de pressa. Eu, como não tinha pressa, não respondi. A coisa era mesmo muito estranha.

a) *Enquanto mastigava, desenhei num guardanapo a situação nos dias de feira e nos dias sem feira no gráfico do mercado de refeições. Quais as diferenças? O que deveria aquela empresa fazer nos dias de feira?*

A mulherzinha ficou ali a torcer as mãos e a ver-me ansiosamente a comer. De vez em quando olhava por cima do ombro para a porta por detrás do balcão. Eu disse que ali, no deserto, não devia ter muitos problemas de impostos. Ela sorriu tristemente:

b) *Pensei em duas razões para a intervenção do Estado na economia.*

Às tantas eu perguntei se podia ir lá dentro à casa-de-banho e a mulher, com susto, disse-me que não. Não havia ali casa-de-banho. Muito estranho!

#### IV (5 val)

Quando acabei de comer e me levantei-me, com o braço bom tirei do bolso o dinheiro. Mas, como não tinha trocado, dei uma nota grande.

a) *Notei que aqui no deserto, como havia pouca comida, a refeição soubera-me muito melhor do que na cidade. E até relacionei isto com uma lei do comportamento consumidor. Qual? Porquê?*

A mulher disse-me que não tinha troco, mas que não fazia mal. Acrescentou que não me devia preocupar com o pagamento e que me podia ir embora. O almoço fora grátis.

Eu agradei, meti-me no carro e arranquei.

b) *Enquanto guiava ia pensando no significado da falácia do “post hoc”. Pensei num exemplo.*

Mas andei apenas uns cem metros. Parei o carro, saí e voltei para trás a pé, o mais silenciosamente que conseguia. Dei a volta à casa e olhei pela janela de trás. Era o que eu pensava. Estava ali um matulão com uma espingarda e no chão um homem e duas crianças atadas. A mulher assustada falava com o matulão.

Não foi difícil, com o elemento de surpresa, derrubar o tipo. Só fiz um furo no vidro da janela e outro na perna dele. O tipo caiu logo à primeira bala.

Enquanto esperávamos pela polícia, o marido perguntou-me como é que eu adivinhara que estava a decorrer um assalto. Eu respondi que não há almoços grátis. A mulher tinha de estar muito desesperada para me deixar partir sem pagar.

Mas afinal há. O casal, agradecido pela minha ajuda, deixou-me ir embora sem pagar.

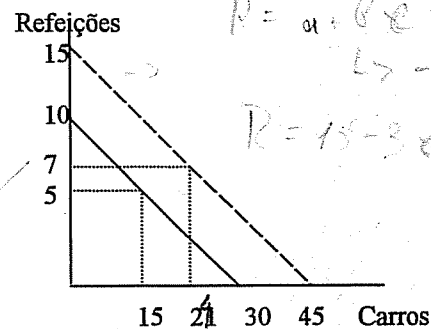
**ATENÇÃO** - o presente texto indica apenas as linhas gerais das respostas certas ao teste. As respostas dadas adiante não são completas e não são para ser tomadas à letra, nem como formulações completas e definitivas, podendo existir outras interpretações legítimas. Em certos casos essas interpretações alternativas são mesmo indicadas.

## I

- a) (2. val.) O conceito de escassez está ligado às situações em que os bens disponíveis não chegam para satisfazer todas as necessidades presentes. Todas as vezes que a quantidade existente de bem é inferior ao que os desejos das pessoas exigiriam, esse é um bem escasso.
- b) (2 v.) O pó da estrada não satisfaz nenhuma necessidade. Por isso não se pode usar o conceito de escassez. Aliás, por não satisfazer necessidades ele, em si, não é sequer um bem. Mas em grande quantidade, como aqui, ele tem um efeito sobre a utilidade das pessoas, mas um efeito negativo. Assim, ele transforma-se num bem com utilidade negativa, ou seja um mal económico.

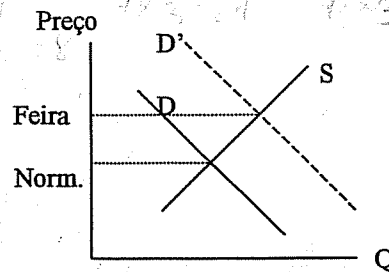
## II

- a) (3. v.) A curva de possibilidades de produção neste caso é uma recta. Isso porque aqui os «custos relativos» são constantes, dado que servir uma refeição custa sempre o mesmo que servir 3 automóveis. Se o máximo de refeições por hora é de 10, então, usando a relação de custos relativos constantes (excepção à «lei dos custos relativos crescentes», que se aplica no caso geral), o máximo de carros servidos é de 30.
- b) (3. v.) Se a senhora tiver ajuda, a linha sobe para a marcada a tracejado. Mantém-se a relação entre refeições e automóveis, mas a um nível superior. Os pontos das duas situações estão marcados.



## III

- a) (3 v.) Nos dias de feira há um aumento da procura de refeições, face à oferta que é a mesma. Assim, no gráfico do mercado, passa-se da linha a cheio para a linha a tracejado. Esse aumento da procura leva a um aumento de preço e da quantidade produzida e consumida de refeições. Se fôr possível, a empresa deve, pois, praticar preços diferentes de uns dias para os outros, subindo os preços das refeições nos dias de feira em relação aos dias normais.
- b) (2 v.) O Estado deve intervir na economia por três razões. Por motivos de eficiência, por motivos de equidade e por motivos de estabilidade. Por motivos de eficiência em todos os casos em que há falhas de mercado (monopólios, externalidades, bens públicos, etc). Por motivos de equidade em todos os casos em que existam injustiças no acesso aos bens. Por motivos de estabilidade nas situações em que as perturbações da actividade económica gerem problemas sérios na sociedade. Quaisquer exemplos destas situações podem ser referidos nesta resposta



## IV

- a) (3 v.) A lei da utilidade marginal decrescente (1ª lei de Gossen) que diz que à medida que se consome mais de um bem a utilidade (satisfação) de cada unidade adicional desce. Assim, no deserto, como se consome poucas refeições, a utilidade da última refeição é alta comparativamente à satisfação da última refeição consumida na cidade, porque aí o número de refeições é elevado.
- b) (2.v.) A falácia do post hoc é o erro de atribuir um nexo de causalidade entre dois factos apenas contemporâneos. Trata-se de uma conclusão precipitada já que a simultaneidade dos acontecimentos pode ser mera coincidência ou mal interpretada. Exemplo: atribuir a causa da falência de uma empresa ao discurso pessimista sobre o estado da Economia proferido por um ministro no dia anterior.